

O COERENTISMO DE LEHRER

The Coherentism of Lehrer

Elano Sudário Bezerra¹

Resumo: O objetivo do presente artigo é articular a teoria coerentista de Lehrer frente aos críticos do coerentismo, bem como mostrar que a partir das noções de competição, o coerentismo, pelo menos ao modo de Lehrer, pode ser compreendido e solucionar problemas que tem sido levantados para esta teoria. Visa-se explicar a noção de aceitação que perpassa toda a teoria de Lehrer, assim como também é objetivo esclarecer como a noção de aceitação tem um papel central na teoria coerentista de Lehrer.

Palavras-Chave: Coerentismo, Lehrer, aceitação, competição, justificação.

Abstract: The aim of this paper is to articulate Lehrer's coherentist theory by confronting it to the critics of coherentism, and to show that from the notions of competition the coherentism, at least under Lehrer's way, can be understood and solve problems that have been raised for this theory. The aim is to explain the notion of acceptance that permeates the whole theory of Lehrer, as well as to clarify how the notion of acceptance is central in his coherentist theory.

Keywords: coherentism, Lehrer, acceptance, competition, justification.

1. Introdução

Se a crença na existência dos objetos externos é supostamente justificada por outra crença, como será justificada esta última? Será justificada por outra crença ainda? Nesse caso, como será justificada esta outra crença? Foram estes os questionamentos que levaram os cétricos a formular o argumento do regresso. Partindo disso, cada crença estará vulnerável aos mesmos questionamentos quanto à sua justificação.²

O fundacionismo leva a sério esta regressão e esforça-se para encontrar “crenças básicas” que seriam capazes de detê-la. Os caminhos promissores neste sentido incluem a ideia de que as crenças básicas são justificadas pela sua fonte originária (são o produto imediato dos sentidos, talvez), ou pelo seu objeto (dizem respeito à natureza dos estados sensoriais atuais de quem acredita). O empirismo, nesta conexão, quer de alguma forma situar crenças básicas na experiência. O próprio fundacionismo relaciona-se com a

¹ Graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí.

² MOSER, P.K.; MULDER, D.H.; TROUT, J.D. *A teoria do conhecimento: uma introdução temática*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 88

estrutura deste programa empirista. Assim, a preocupação com a regressão da justificação é uma preocupação com a estrutura da justificação.³

Outra solução que se apresenta a este problema é o coerentismo, onde se advoga que a justificação de qualquer crença acaba num sistema de crenças com o qual a crença justificada é coerente. Portanto, toda justificação depende da coerência com um sistema de crenças.⁴ Para os coerentistas não há crenças que estejam intrinsecamente fundamentadas, e nenhuma que seja intrinsecamente uma superestrutura.⁵ As crenças sobre a experiência podem apoiar-se no apelo à teoria (o que seria no sentido ascendente, em termos do modelo fundacionista), e vice-versa (as teorias precisam do apoio da experiência).⁶

Para os teóricos coerentistas o justificador é um sistema de crenças, onde tais crenças estão em relação de coerência. Ou ainda, o sistema de crenças deve funcionar de forma que haja uma mútua implicação entre as crenças. De modo que uma crença deve exigir a outra quando a verdade da primeira é garantida pela verdade da segunda.⁷ Para ilustrar esta teoria, tomemos as seguintes proposições:

Todo universitário sabe ler

Charles é universitário

Destas duas proposições acarreta-se que:

Charles sabe ler

Entre essas proposições há uma relação de coerência, de forma que há uma implicação entre elas. De fato, parece que em nosso cotidiano as crenças que utilizamos estão em determinada relação de coerência com outras.⁸

O coerentismo tem duas vertentes: a primeira diz respeito à justificação e a outra a verdade.⁹ Ainda que haja autores que propõem que é mais vantajoso assumir uma posição correlata entre a teoria da justificação e a teoria da verdade.¹⁰ Neste texto nos debruçaremos sobre a primeira vertente, que é denominada de coerentismo epistêmico.

³ HONDERICH, T. (ed.). *Oxford Companion to Philosophy*. Oxford : Oxford University Press, 1995. p. 809

⁴ MOSER, P.K.; MULDER, D.H.; TROUT, J.D. *A teoria do conhecimento: uma introdução temática*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 91

⁵ Em *The raft and the pyramid: coherence versus foundations in the theory of knowledge*, com o objetivo de superar o debate fundacionismo/coerentismo, Sosa sugere que compreendamos a noção de justificação como algo ligado a *virtudes intelectuais*, algo ligado “a disposições estáveis para a aquisição de crenças, devido a sua grande contribuição no que diz respeito à obtenção da verdade”.

⁶ HONDERICH, T. (ed.). *Oxford Companion to Philosophy*. Oxford : Oxford University Press, 1995. p. 809

⁷ Nota-se que o coerentismo na sua abordagem da justificação não leva em conta o processo de formação de crença.

⁸ O coerentismo acerca da justificação é um artifício que alguns epistemólogos utilizam para evitar o assim denominado infinitismo epistêmico, onde neste não há a presença de crenças básicas das quais as outras crenças, em um sistema de crenças determinado, sejam derivadas (como no caso do fundacionismo clássico cartesiano, por exemplo, que admite a presença de crenças básicas, fundacionais, das quais todas as outras crenças derivam), fazendo com que essa cadeia inferencial de causalção de crenças estenda-se *ad infinitum*.

⁹ A demarcação entre, de um lado, uma teoria da verdade coerentista e, de outro, uma teoria da justificação coerentista, permite dispensar o compromisso com algumas suposições que podem revelar-se muito problemáticas (notoriamente, aquelas de caráter idealista e metafísico). Além disso, a clara delimitação teórica possibilita problematizarmos os supostos de cada um daqueles tipos de teoria de forma independente, com o que nossas análises ganham em precisão.

¹⁰ Esse é justamente o caminho escolhido por Laurence Bonjour. Ao mesmo tempo em que defende uma posição coerentista a propósito das teorias da justificação epistêmica, ele assume a tradicional teoria da verdade como correspondência. Para ele, a questão da verdade é importante porque a justificação epistêmica diz respeito justamente ao objetivo de se atingir a verdade.

Vale também ressaltar que existem vários tipos de coerentismo, e cada autor tem sua forma peculiar de tratamento da teoria.¹¹

Embora o coerentismo tenha se caracterizado por defender que o regresso epistêmico curva-se sobre si mesmo, constituindo uma cadeia circular, o que de fato gerou muitos problemas para que os coerentistas explicassem, há uma outra forma de coerentismo, o coerentismo holístico, segundo o qual a cadeia das justificações não é linear e, assim, a justificação de cada crença dependerá da coerência com todas as crenças do sistema ao qual ela pertence. Portanto, a justificação reside num sistema inteiro de crenças. Sempre que há justificação para crer em algo, há justificação para crer em muitas proposições relacionadas e, presumivelmente, para crer num conjunto coerente delas.¹²

Lehrer propõe um coerentismo ao seu modo. Primeiro, devemos compreender como justificação pode estar em coerência com um sistema de avaliação, como um sistema de aceitações e preferências pode justificar aceitações e preferências que coerem com elas ao mesmo tempo que elas confirmam e suportam este sistema.¹³

Conhecimento requer a “avaliação adequada da entrada de informação em termos de informação de fundo”. Quando uma proposição coere com alguma nova informação e a informação de fundo, então ela está justificada. Mas este tipo de justificação é meramente “justificação pessoal”. O que é requerido coerência com um sistema resultante de correção de erros no sistema de fundo (*background system*). Quando tal coerência é obtida, alguém teve justificação não-anulável e, portanto, conhecimento.¹⁴

2. Problemas com o coerentismo

Os coerentistas esbarram com duas questões importantes: em primeiro lugar, que espécie de relação de coerência é essencial para justificar uma crença? Em segundo lugar, com que tipo de sistema de crenças deve coerir a crença a ser justificada? Conforme a visão coerentista, a justificação de qualquer crença depende das relações de coerência dessa crença com outras crenças. Portanto, o coerentismo é sistemático e dá ênfase ao papel da inter-relação entre as crenças para garantir sua justificação. Os céticos farão a indagação acerca de por qual motivo se deve encarar a coerência entre as crenças empíricas de uma pessoa como um indicio confiável da verdade empírica, de como as coisas realmente são no mundo empírico.¹⁵

Ernest Sosa representa metaforicamente o coerentismo como uma balsa, flutuando livre de amarras, sendo incapaz de acomodar adequadamente as crenças perceptuais. Isto se dá porque o coerentismo toma – na visão de Sosa – a justificação como resultante das relações lógicas entre as crenças do sistema de crenças; mas as crenças perceptuais nem sempre mantêm relações com o restante do sistema de crenças.¹⁶

¹¹ De uma forma bem abrangente podemos definir o coerentismo como a teoria que defende que o processo de dar razões poderia não ter razões que não fossem sustentadas por outra razão, porém, não há um número infinito de razões. Assim, as crenças são mutuamente sustentadas.

¹² AUDI, Robert. *The architecture of reason*. Oxford: Oxford University Press, 2001. p.26

¹³ LEHRER, K. *Self-trust: a study of reason, knowledge and autonomy*. Oxford: Clarendon Press, 1997. p.27

¹⁴ BENDER, J.W. (ed.) *The current state of the coherence theory: critical essays on the epistemic theories of Keith Lehrer and Laurence Bonjour, with replies*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers. s/d. p.69

¹⁵ MOSER, P.K.; MULDER, D.H.; TROUT, J.D. *A teoria do conhecimento: uma introdução temática*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p.92-93

¹⁶ SOSA, E. The raft and the pyramid: coherence versus foundations in the theory of knowledge. In. FRENCH, UEHLING & WETTSTEIN (Eds.), *Midwest studies in Philosophy – Volume V – Studies in epistemology*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1980. p.21

Peter Klein aponta para o problema da circularidade que o coerentismo contém. Deste modo, o raciocínio circular não é aceitável porque, embora possa ocorrer que, se você crê b^1 , poderia ser razoável crer b^2 , e, se você crê b^2 , poderia ser razoável também crer b^1 , sua sustentação mútua não lhe dá razão para acreditar ambos. Assim, a questão fundamental é essa: o que torna o conjunto total de crenças coerentes, digamos T^1 , algo mais aceitável do que o conjunto total alternativo de crenças coerentes, digamos T^2 ?¹⁷

Laurence Bonjour, antes defensor do coerentismo, entende que qualquer conceito de coerência admitiria que há muitos sistemas de crenças coerentes e que, entretanto, eles são incompatíveis.¹⁸ A escolha entre esses sistemas seria puramente arbitrária e, em consequência, todos os sistemas e as crenças que eles contém são igualmente justificados. Isso quer dizer que quaisquer crenças consistentes farão parte de um desses sistemas e, por conseguinte, há tantas razões para se pensar que as crenças que realmente se têm são verdadeiras como para se pensar que qualquer crença alternativa o seja.¹⁹

Uma das objeções mais pertinentes é que se as razões regressam sobre elas mesmas, esse círculo se fecha viciosamente sobre si mesmo, sem justificar a crença afirmada. O desafio para o coerentista é mostrar como a justificação de uma crença pode ser considerada conhecimento, sem cair num círculo argumentativo vicioso.

O coerentismo também é vulnerável à objeção do isolamento. Parece possível que haja um conjunto de crenças coerente, porém é difícil acreditar que todas as crenças estão isoladas da realidade. Bem, como pode haver coerência em um sistema que não tem qualquer indício de ser verdadeiro.

3. Aceitação como coerência

Geralmente, quando uma pessoa aprende algo, o que ela aprende torna-se disponível para que numa hora oportuna ela se lembre daquilo, e daquilo que ela se lembra de ter aprendido, conforme for o caso, ela diz que acredita ou que sabe. O que aprendemos está armazenado dentro de nós, e quando precisamos de algo que aprendemos o recuperamos, ou seja, nos lembramos. Por essa razão, costuma-se associar conhecimento a crença e a pensar no conhecimento como incluindo um estado mental individual. Isso leva-nos a supor que o conhecimento envolve crença ou aceitação.²⁰

Um distintivo do coerentismo de Lehrer é que a justificação epistêmica está baseada na missão probabilisticamente subjetiva de alguém, quando este tem a meta de somente obter verdade e evitar o erro.²¹ Em oposição a certas versões de fundacionismo, Lehrer nega que justificação deriva de crenças não perceptuais e de experiências sensoriais. Em vez disso, ele sustenta que toda justificação epistêmica tem somente a função de manter relações de coerência entre proposições concernentes ao que alguém aceita.²²

¹⁷ KLEIN, P. Concept of Knowledge. In: CRAIG, Edward (Ed.). *Routledge Encyclopedia of Philosophy*. London/New York: Routledge, 1998. p. 266-276

¹⁸ Bonjour propõe a defesa de um fundacionismo clássico em que as crenças básicas são crenças sobre o conteúdo das experiências sensoriais.

¹⁹ BONJOUR, L. Toward a defense of empirical foundationalism. In: DEPAUL, Michael R. (ed.) *Resurrecting old-fashioned foundationalism*. Lanham, MD: Rowman & Littlefield, 2002, p. 21-38.

²⁰ LANDESMAN, C. *Ceticismo*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.p.292

²¹ Ao que parece, conhecimento exige a mistura correta de aspectos objetivos e subjetivos. Justificação requer a avaliação adequada de informação à luz das crenças de fundo. Além disso, por requerer coerência com sistemas de crenças corrigidas, Lehrer se desvia das típicas teorias coerentistas, de uma forma promissora.

²² BENDER, J.W.(ed.) *The current state of the coherence theory: critical essays on the epistemic theories of Keith Lehrer and Laurence Bonjour, with replies*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, s/d. p.29

Para compreender este aspecto que é por demais relevante para o entendimento do coerentismo de Lehrer, vamos aclarar a noção de aceitação.²³ Aceitação é um tipo especial de crença, é uma crença com o propósito de obter verdade e evitar o erro. Aceitar é crer com uma meta, meta de obter conhecimento crendo somente em verdades.²⁴ Algumas vezes cremos em coisas sem propósitos epistêmicos.²⁵ Assim, podemos crer em algo pelo bem da felicidade em vez da consideração pela verdade.²⁶ Portanto, conhecimento implica aceitação. Considere o seguinte caso:

Imagine que foi dito a Maria, por Pedro (que é notoriamente não confiável nestas questões), que Elizabeth morreu em 1603. Imagine mais, que Maria reteve esta informação na sua memória somente porque ela aceitou o que Pedro tinha dito a ela, apesar de saber que ele não é confiável em tais questões. Seria óbvio que Maria não sabe que Elizabeth morreu em 1603, quando Pedro a tinha dito, porque ela não sabe que a informação que recebeu era correta.²⁷

A partir deste caso, vejamos as seguintes premissas que nos levam a pensar que conhecimento exige aceitação:

1. Se S não aceita que p , então S não aceita a informação que p .
2. Se S não aceita a informação que p , então S não sabe que a informação que p está correta.
3. Se S não sabe que a informação que p está correta, então S não sabe que p .

Conclui-se que:

4. Se S não aceita que p , então S não sabe que p .

A aceitação de uma informação não é condição suficiente para saber que a informação recebida está correta, ainda que seja necessária. Assim, a falha em aceitar a informação resulta na falha em saber que a informação está correta. Aceitação é o tipo de estado mental que tem um tipo específico de papel, um papel funcional, no pensamento, na inferência e na ação. Quando uma pessoa aceita que p , ela extrairá certas inferências e realizará certas ações assumindo a verdade de p . Assim, se S aceita que p , então S estará pronto para afirmar que p em circunstâncias apropriadas, estando também pronto para justificar a afirmação que p .²⁸

Agora, alguém pode perguntar: Como um sistema de aceitação produz justificção? A resposta é que nosso sistema de aceitação nos diz ser mais racional uma coisa do que outra, e mais racional aceitar alguma coisa sobre uma suposição do que sobre outra, quando buscamos a verdade, isto é, buscamos aceitar alguma coisa se e somente se é verdadeira.

Um sistema de aceitação de uma pessoa é um conjunto de proposições tendo a forma “ S aceita que p ”, “ S aceita que q ”, etc. O sistema de aceitação de alguém descreve

²³ Stalnaker propôs aceitação como um conceito mais amplo que crença. Sendo um conceito genérico de atitude proposicional dentro do qual caem noções como pressupor, presumir, assumir e supor. Aceitar uma proposição é tratá-la como uma proposição verdadeira, ou seja, ignorar a possibilidade que ela seja falsa.

²⁴ Partindo desta definição é rejeitado o seguinte princípio: S aceita que p , se e somente se, S crê que p , e colocado nestes termos: Se S aceita que p , então S crê que p .

²⁵ Suponha que um homem afirme: “Creio que qualquer mulher é capaz de desenvolver meu trabalho”, porém ele é machista e não aceita como verdadeira a afirmação que fez.

²⁶ Pode ocorrer que um político, habilidoso na oratória, pode convencer da verdade do que ele diz, quando se sabe que ele não é digno de confiança. Ainda que você saiba que ele dirá tudo o que é preciso para obter seu voto. No entanto, você quer acreditar nele. Você quer crer que a economia é forte, que você está economicamente seguro, etc. Ele é caloroso, humano, e alentador, enquanto os dados são frios e matematicamente angustiantes. Como você pode resistir?

²⁷ LEHRER, K. *Theory of knowledge*. Boulder: Westview Press, 1990, p.34

²⁸ LEHRER, K. *Theory of knowledge*. Boulder: Westview Press, 1990, p.35

apenas a aceitação das proposições que ele aceita “na tentativa para aceitar algo verdadeiro e evitar aceitar o que é falso com respeito a exatamente a coisa que ele aceita”.²⁹

Lehrer tem em mente uma concepção epistêmica de coerência, em que um sistema é coerente não apenas pelas suas relações lógicas, ainda que essas relações sejam pertinentes para aceitarmos um sistema como coerente, nem por sua capacidade explicativa, mas por causa das crenças de um tal sistema(sistema de aceitação) que convergem para o objetivo de obter verdade e evitar a falsidade. Portanto, devemos aceitar uma proposição apenas recorrendo para outras crenças anteriormente aceitas.³⁰

A teoria de Lehrer é elegantemente estabelecida numa série de definições, começando pela genérica definição de justificação.³¹ Ele então define mais algumas noções específicas de justificação que são usadas na definição de conhecimento.³² Com base no sistema de aceitação, é fundamentada uma teoria da coerência e da justificação, a partir da seguinte de justificação pessoal ou subjetiva:

(D2) *S* está pessoalmente justificado em aceitar que *p*, se e somente se, *p* coere com o sistema de aceitação de *S* em *t*.

Porém, Lehrer em *Self-trust*, reconhece que esta definição não é suficiente:

Eu tinha dito antes que uma pessoa está pessoalmente justificada em aceitar algo se e somente se a aceitação dela coere com o sistema de aceitação da pessoa. Agora penso que não será suficiente, porque preferências são também essenciais ao tipo de coerência que produz aceitação justificada. Assim, aceitação pessoalmente justificada, aceitação justificada para mim, é a aceitação que coere com um sistema de avaliação incluindo preferências, exatamente como preferência pessoalmente justificada, preferência justificada para mim, é preferência que coere com um sistema de avaliação que inclui aceitações. Preferências concernentes ao que eu aceito e aceitações concernentes que eu prefiro são instrumentos de justificação que produzem sabedoria e conhecimento.³³

A questão que se segue a isso é como coerência com meu sistema de aceitação produz aceitação pessoalmente justificada. A ligeira modificação que Lehrer faz a noção de justificação pessoal é essa:

Um sistema *X* é um sistema de avaliação de *S*, se e somente se, *X* contém estados descritos por declarações na forma: *S* aceita que *p*, atribuindo a *S* exatamente estas coisas que *S* aceita com o objetivo de aceitar o que é verdadeiro e, estados descritos na forma *S* prefere que *p*, atribuindo à *S* exatamente estas coisas que *S* prefere com o objetivo de preferir o que tem mérito.³⁴

Tendo em vista este ponto, é introduzida a seguinte noção de competição proposicional:

²⁹ BENDER,J.W.(ed.) *The current state of the coherence theory: critical essays on the epistemic theories of Keith Lehrer and Laurence Bonjour, with replies*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.s/d. p.29

³⁰ Lehrer defende coerência em termos de uma noção comparativa de razoabilidade, a saber, que é mais razoável para *S* aceitar *p* em vez de *q*, com base no sistema de avaliação de *S*. A noção de razoabilidade comparativa baseada num sistema que é uma noção epistêmica, não uma noção naturalizada. Em síntese, é uma teoria coerentista que está aberta ao argumento que coerência é uma noção epistêmica em si mesma.

³¹ Uma crença está justificada, se e somente se, coere com outras crenças num sistema específico de crenças.

³² BENDER,J.W.(ed.) *The current state of the coherence theory: critical essays on the epistemic theories of Keith Lehrer and Laurence Bonjour, with replies*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers. s/d. p.29

³³ LEHRER, K. *Self-trust: a study of reason, knowledge and autonomy*. Oxford: Clarendon Press,1997.p.28

³⁴ Idem.

(D3) S está pessoalmente justificado em aceitar que p em t , se e somente se, tudo o que compete com p para S na base do sistema de aceitação de S em t , seja derrotado ou neutralizado na base do sistema de aceitação de S em t .

Dessa definição extraímos a seguinte noção de coerência:

(D4) p coere com X de S em t , se e somente se, todos os competidores de p são derrotados ou neutralizados por S em X em t .

Num primeiro momento, poderíamos pensar que competidores de uma dada afirmação são afirmações que a contradizem. Proposições que contradizem uma dada afirmação competem com ela, mas algumas proposições que não contradizem a afirmação também podem competir com ela. Por exemplo, a afirmação que vejo um gato, não contradiz que estou alucinado, na verdade é logicamente possível para uma pessoa ver um gato ainda que ela esteja alucinada. A afirmação de que eu estou alucinado não conflita, logicamente, com a afirmação que eu vejo um gato, mas a suposição que eu estou alucinado poderia tornar menos razoável aceitar que eu estou vendo um gato do que a suposição oposta. Se eu estou alucinado, então sou menos digno de confiança sobre o que eu vejo, do que se eu não estivesse alucinado.³⁵

Desta forma, a definição de competição é essa:

(D5) c compete com p para S sobre a base do sistema de aceitação de S em t se e somente se é menos razoável para S aceitar que p na suposição que c é verdadeiro do que na suposição de que c é falso sobre a base do sistema de aceitação de S em t .

(D6) p derrota c para S em X em t , se e somente se, c compete com p para S em t e é mais razoável para S aceitar que p do que aceitar que c em X em t .

Além disso, Lehrer sustenta que competidores que não são derrotados podem ser eliminados por serem neutralizados, no seguinte sentido:

(D7) R neutraliza q como um competidor de p para S na base de seu sistema de aceitação A , se e somente se, (i) q compete com p para S na base de A , e (ii) na base de A , a conjunção (R & Q) não compete com p para S quando, na base de A , é razoável para S aceitar que (R & Q) como aceitar que q .

Além das noções de competição envolvidas na teoria de Lehrer, ele sustenta que é necessário um suplemento a noção de justificação pessoal, para assim ter uma análise completa da justificação epistêmica. Isto sugere uma noção de justificação baseada sobre o que permanece do sistema de aceitação de uma pessoa quando todo erro é excluído. Considere o subsistema do sistema de aceitação quando todo erro é excluído por cada queda de membro – S aceita que p – quando p é falso. O resultado do subsistema do sistema de aceitação, que poderia ser verificado por um crítico onisciente, denominado de o *sistema verífico* da pessoa.³⁶ A partir disso, defini-se justificação verífica como segue:

(D8) S está justificado verificamente em aceitar que p em t se e somente se S está justificado em aceitar que p sobre a base do sistema verífico de S em t .

Da combinação de justificação pessoal e justificação verífica surge a noção de justificação completa:

(D9) S está completamente justificado em aceitar que p , se e somente se, S está pessoalmente e verificamente justificado em aceitar que p em t .

Em síntese, se uma pessoa está pessoalmente justificada em aceitar que p e poderia permanecer assim se todos os erros em seu sistema de aceitação fossem eliminados, então a pessoa está completamente justificada em aceitar que p .³⁷

³⁵ LEHRER, K. *Theory of knowledge*. Boulder: Westview Press, 1990, p.117

³⁶ LEHRER, K. *Theory of knowledge*. Boulder: Westview Press, 1990, p.150

³⁷ Idem

4. Considerações finais

As teorias da coerência visam consolidar as crenças sobre um determinado conjunto de inferências. As crenças devem estar simetricamente dispostas, determinando consistência epistemológica. No fundacionismo as crenças são pontos básicos que justificam a veracidade de sua estrutura epistemológica. O coerentismo tem a noção de inferência como ponto simétrico. O coerentismo trabalha, portanto, com o conceito de simetria e a exigência epistemológica neste caso é a noção de teoria simétrica holística. O coerentismo estabelece que a consistência é um elemento essencial para o conjunto de inferências que estruturam as teorias coerentistas.

Para Bradley, um conjunto coerente deve ser completo ou abrangente, mas a simples abrangência não substitui a noção epistemológica de consistência. Esta deveria estar fundada sobre a noção clássica de implicação (p implica q , se e só se, dado p , q deva ser verdadeiro).³⁸

Enquanto para Blanshard, em um sistema coerente, nenhuma inferência pode ser arbitrária, significando que dada uma determinada proposição as seguintes devem concordar com ou confirmar a primeira. Utilizando-se do critério da implicação acima citado, toda proposição seria implicada pelas outras.³⁹

Já para Sellars a noção de conjunto coerente implica em considerá-lo como uma estrutura consistente, completa e mutuamente explanatória, ou seja, mutuamente explicativa. Isto significa que se um conjunto é ampliado, é possível pensar que cada membro do conjunto será explicado pelos membros restantes aumentando o crescimento da justificação.⁴⁰

Lehrer chama de coerência a relação entre um sistema de avaliação e uma proposição. Deste modo, a relação de coerência com um sistema de avaliação tem pouco a ver com a coerência assim chamada, sendo mais próximo à inferência. Como temos observado, há uma circularidade envolvida no argumento da minha aceitação de minha confiabilidade à razoabilidade da minha própria aceitação. E um aspecto saliente da teoria coerentista é presumivelmente esta licença para a razão circular – pelo menos é a forma mais popular de caracterizar tal teoria.⁴¹

Está a circularidade envolvida no argumento de minha aceitação da minha confiabilidade à razoabilidade desta aceitação um círculo vicioso? Lehrer argumentou que não é vicioso apontando que sua intenção não é usar o princípio de confiabilidade (I): Eu sou confiável no que eu aceito com o objetivo de aceitar qualquer coisa exatamente no caso dela ser verdadeira, como uma premissa para provar algo ao cético, mas sim para usá-lo para propósitos explicativos, a alegação de que o princípio de confiabilidade pode ser usado para explicar por que nos é razoável aceitar o que nós aceitamos. Lehrer ainda pensa que circularidade neste caso seja uma virtude em vez de um vício. É preferível deixar o mínimo possível de explicação. Portanto, uma explicação não somente explica porque outras aceitações são razoáveis, mas também porque a própria aceitação é razoável, e melhor neste aspecto que uma explicação que realiza o primeiro, mas não o último.⁴²

O princípio (I) não justifica a si mesmo, porém depende desta justificação no sistema de fundo de outras coisas que nós aceitamos. Portanto, seria incorreto chamar uma

³⁸ BRADLEY, F. *Essays on truth reality*. Oxford: Oxford University Press, 1914.

³⁹ BLANSHARD, B. *The nature of thought*. London: Allen and Unwin, 1939.

⁴⁰ SELLARS, W. Givenness and explanatory coherence. *Journal of Philosophy*, 1973; 70: 612-24.

⁴¹ OLSSON, E.J.(ed.) *The epistemology of Lehrer*. Dordrecht/Boston/London: Kluwer Academic Publishers, 2003.p.5

⁴² OLSSON, E.J.(ed.) *The epistemology of Lehrer*. Dordrecht/Boston/London: Kluwer Academic Publishers, 2003.p.9

crença básica no sentido fundacionista. Lehrer sugeriu que (I) é mais como uma pedra angular em um arco. Sem a pedra angular, o arco entraria em colapso, ao mesmo tempo a pedra angular é suportada por outras pedras no arco.⁴³

Referências

- AUDI, Robert. *The architecture of reason*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- BENDER, J.W. (ed.) *The current state of the coherence theory: critical essays on the epistemic theories of Keith Lehrer and Laurence Bonjour, with replies*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, s/d.
- BLANSHARD, B. *The nature of thought*. London: Allen and Unwin, 1939.
- BONJOUR, L. Toward a defense of empirical foundationalism. In: DEPAUL, Michael R. (ed.) *Resurrecting old-fashioned foundationalism*. Lanham, MD: Rowman & Littlefield, 2002.
- BRADLEY, F. *Essays on truth reality*. Oxford: Oxford University Press, 1914.
- HONDERICH, T. (ed.). *Oxford Companion to Philosophy*. Oxford: Oxford University Press, 1995.
- LANDESMAN, C. *Ceticismo*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- LEHRER, K. *Theory of knowledge*. Boulder: Westview Press, 1990.
- LEHRER, K. *Self-trust: a study of reason, knowledge and autonomy*. Oxford: Clarendon Press, 1997.
- KLEIN, P. Concept of Knowledge. In: CRAIG, Edward (Ed.). *Routledge Encyclopedia of Philosophy*. London/New York: Routledge, 1998.
- MOSER, P.K.; MULDER, D.H.; TROUT, J.D. *A teoria do conhecimento: uma introdução temática*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- OLSSON, E.J. (ed.) *The epistemology of Lehrer*. Dordrecht/Boston/London: Kluwer Academic Publishers, 2003.
- SOSA, E. The raft and the pyramid: coherence versus foundations in the theory of knowledge. In: FRENCH, UEHLING & WETTSTEIN (Eds.), *Midwest studies in Philosophy – Volume V – Studies in epistemology*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1980.
- SELLARS, W. Givenness and explanatory coherence. *Journal of Philosophy*, 1973; 70: 612-24.

Texto recebido em: 9/9/2011
Aceito para publicação em: 23/9/2011

⁴³ OLSSON, E.J. (ed.) *The epistemology of Lehrer*. Dordrecht/Boston/London: Kluwer Academic Publishers, 2003, p.9